

O Feminino Sagrado

Leila Cohn

Rio de Janeiro 2005

“Minha avó era uma contadora de histórias. Eu lembro do seu contar. Deitada nos seus braços, eu escutava sua voz se unir ao ritmo do balanço da varanda, ao coro noturno dos grilos, aos flashes dos vagalumes na borda da caixa de madeira. Eu lembro da sua voz, mas não de muitas das histórias que me contou. Minhas imagens se originam aqui, não da memória do conteúdo verbal da sua fala, mas da batida do pulso do seu corpo e da respiração da sua imaginação escura que eu ainda sinto na maravilha do mundo natural.

Eu desenho e pinto a partir do meu próprio mito de origem pessoal. Cada pintura que faço começa em alguma fonte profunda na qual minha mãe e avó, e todas as minhas mães ancestrais, ainda vivem; é como se a linha que se move a partir da caneta ou pincel estivesse espiralada até a Matriz original. As vezes eu me sinto como um caldeirão de imagens em amadurecimento aonde memórias se tornam rostos e emergem do meu recipiente. Então minha vida criativa, o fazer a partir de mim mesma, é em si uma imagem de Deus Mãe e de sua história contínua de aparição nas nossas vidas.”

M. Craighead, *“The Mother’s Songs : Images of God the Mother”*

Este é um trabalho de corporificação do sagrado em nós. Honrando nossa natureza cíclica, nossa jornada contínua de incubação, crescimento, plenitude e recolhimento para em seguida novamente incubar, crescer, desabrochar e recolher, vamos trabalhar acompanhando as fases lunares, *co-corpando* com a lua na sua trajetória cósmica, para corporificar nossas formas de mulher. Nossa forma feminina se compõe de ritmos, pulsos ondulantes, e de trans-formações somáticas ocorrendo continuamente em camadas mais ou menos sutis.

Nosso corpo traz em si uma capacidade de metamorfosear-se que se realiza mensalmente em pulsos hormonais sintonizados com o pulso lunar. Estes pulsos circulares originam em nós uma mudança de forma e de estado. Pulsamos feminina e especificamente no mundo.

Esta plasticidade mutante está presente também na nossa capacidade de conceber, gestar, parir e amamentar, queira isto se concretize ou não.

Após pulsarmos ciclicamente durante mais ou menos 35-40 anos, desorganizamos esta forma e transicionamos para formar outro corpo, mais endomórfico; aprofundamos quem somos, não mais acompanhamos a lua nos seus pulsos, pois consolidamos um ritmo interno que agora pulsa da nossa profundidade para o mundo. Reconhecemos a lua como irmã e caminhamos juntas.

Nosso trabalho será de sacralizar o que já temos. Perceber, receber e honrar o que é nosso. Incorporar de várias maneiras e em várias camadas nossa natureza feminina.

Nossa natureza cíclica é de eternamente recomeçar. Renovamos a cada mês, subindo e descendo em picos hormonais, organizando e desorganizando uma situação interna. Esta experiência constante de começar, terminar e depois começar de novo nos possibilita continuamente regenerar. Este é o espírito deste grupo. Organizar corporalmente a forma de uma contínua regeneração, nos apropriando voluntariamente de um presente que nos foi dado pela mãe-natureza, que se renova continuamente.

Sejam todas bem vindas a esta jornada conjunta.